

## RESENHA CRÍTICA

Bárbara Terena Bernardes Franco Barbosa Marinho<sup>1</sup>

Daniel Marcos Andrade<sup>2</sup>

Carla Oliveira Cruz Ribeiro<sup>3</sup>

### CAPÍTULO 4: METODOLOGIA

FEIJOO, Ana Maria Calvo de. A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial. 2. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2010. (Capítulo 4, pp. 129-180)

**Palavras chave:** Fenomenologia. Existencial. Psicoterapia Fenomenológica-Existencial.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo é uma renomada psicóloga autora dos livros “A escuta e a fala em psicoterapia: uma perspectiva fenomenológico-existencial” e “A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais”, texto renomado na perspectiva existencial em Psicologia Clínica, sendo bastante utilizado na bibliografia básica nos cursos de graduação em Psicologia ; “Existência & Psicoterapia: da psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial” – que obteve tradução para o espanhol por demanda e profissionais da psicologia para a língua hispânica. Para além de outros livros de que Feijoo participou como organizadora e como uma das autoras, como também de capítulos organizados por outros estudiosos do campo e, ainda, inúmeros artigos na perspectiva fenomenológico-existencial

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Bacharelado em Psicologia pelo Centro Universo Belo Horizonte

<sup>2</sup> Professora do Curso de Bacharelado em Psicologia pelo Centro Universo Belo Horizonte.

<sup>3</sup> Professor do Curso de Bacharelado em Psicologia pelo Centro Universo Belo Horizonte.

Foi proposto como trabalho acadêmico, a leitura e a resenha crítica do capítulo 4 do livro “A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial”, da psicóloga Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo. A autora inicia o capítulo apresentando a metodologia utilizada para investigação da estrutura na psicoterapia, com base na escuta e na fala, onde coletaram dados para análise ao qual usaram o método qualitativo de pesquisa. Já a segunda etapa, se deu com base em investigações fenomenológicas de um diálogo clínico, onde a fala e a escuta do terapeuta foram minuciosamente estudadas. Utilizando o método fenomenológico inicialmente, de forma a dar sentido a experiência, foram analisados através das reduções psicológicas e verificação dos significados que estruturam o processo psicoterapêutico, onde puderam destacar os significados implicados no processo terapêutico, uma vez que as reduções consistem na busca do sentido, iniciado no seu significado. Na análise fenomenológica, Feijoo cita que a pesquisa seguiu etapas onde o processo de fala e escuta possibilitaram um destaque de conhecimento ao processo de trabalho do profissional, possibilitando conhecer mais o ofício do psicólogo. Na fala do cliente, foram observadas algumas temáticas que ilustram momentos de fala desse, possibilitando uma análise diferencial em momentos observados como: culpa existencial, medo existencial, angústia existencial perda no impessoal, rigidez frente ao referencial próprio, projeto de aceitação e aprovação por parte de outro, dificuldade de assumir o sofrimento como possibilidade, maximização do sofrimento, medo da solidão, desconhecimento das próprias habilidades, projeto idealizado de si mesmo, falta de diálogo consigo próprio, não-liberdade e espaçamento, onde a incongruência diante ao self é manifestada através desses comportamentos e passível de observação e pontuação do profissional terapeuta no momento da intervenção.

Em seguida, a autora fala sobre o segundo momento da investigação fenomenológica, onde são relatadas as unidades de significados ao que diz respeito a fala do psicoterapeuta, que tem como objetivo trazer a possibilidade de liberdade, responsabilidade, ação e aceitação de riscos do cliente. Aqui, a autora observa a importância de conhecer o dia a dia do cliente, explorando o seu cotidiano indo de encontro ao universo cotidiano do seu cliente, descobrindo o lugar onde esse outro se encontra. O terapeuta tenta então organizar da melhor forma todas as informações emitidas pelo seu cliente a fim de observar em qual momento da sua vida seu cliente se encontra, pois, a partir dessa exploração do cotidiano do cliente, ele conseguirá buscar episódios que desencadearam determinado modo de sentir, agir e como isso o afeta. Para isso, existem falas investigativas como a exemplificadora, exploradora do cotidiano, inquisitiva, clarificadora da atmosfera afetiva,

refletora de conteúdo verbal, refletora de conteúdo não-verbal, reveladora de situações conflitivas, adversativa ou paradoxal, promotora de responsabilidade, focalizadora do 'aqui e agora', esclarecedora do núcleo comum, provocativa, manutenção da atmosfera em que emergem as situações-limite da existência, definidora e a busca do centro de referência, possibilitando um entendimento do terapeuta ao cliente em considerar seus próprios pensamentos, atitudes, autenticidade e visão perante ao conflito.

A autora exemplifica a análise fenomenológica-existencial, pautando-se no sentido e a falta deste para demonstrar em forma descritiva de uma sessão com um cliente, que podemos observar todo o percurso terapêutico na fala e escuta do processo psicoterapêutico, da maneira como se dá a tentativa de resolução dos paradoxos, o ponto de observação de liberdade psicológica e não-liberdade, o chamado da consciência, o débito, a impessoalidade e o impróprio, a decisão e a indecisão e a não-aceitação do ser-para-a-morte. Observamos o relato da cliente 'Mariana', pseudônimo dado para a sua cliente pela autora, onde a cada encontro era possível observar o emprego de cada fala psicoterápica, elucidando a forma com que a terapeuta lida com os questionamentos trazidos pela sua cliente.

Por fim, foi observado na prática perante a leitura do texto e de forma brilhante por Feijoo, a estrutura e aplicação da fenomenologia-existencial e todo o seu respaldo científico de forma qualitativa, no decorrer da descrição do atendimento de Mariana, a didática desse fenômeno, observando muitas vezes a culpa existencial exprimida pela cliente através das lamentações, pelas possibilidades não escolhidas, culpa existencial, negação do paradoxo: temporal e eterno, a não verdade e o ser-para-a-morte eram conceitos constantes em seus relatos. Ao final, vimos que Mariana trouxera um discurso mais congruente como seu desejo, aparentando estar mais decidida, se propondo a resolver seus medos, assumindo assim os riscos de suas escolhas. Isso nos mostra como a percepção da cliente após se fazer percebida, influenciou na sua vontade de realmente viver, afinal como citado no texto pela autora, "aquele que teme a morte, evita a vida".

## REFERÊNCIAS

FEIJOO, Ana Maria Calvo de. A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial. 2. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2010. (Capítulo 4, pp. 129-180)

INSTITUTO DE PSICOLOGIA. Corpo Docente. Disponível em: <

[http://www.psicologia.uerj.br/ana\\_feijoo.html#:~:text=Autora%20dos%20livros%20%E2%80%9CA%20escuta,do%20sujeito%3A%20a%20crise%20da](http://www.psicologia.uerj.br/ana_feijoo.html#:~:text=Autora%20dos%20livros%20%E2%80%9CA%20escuta,do%20sujeito%3A%20a%20crise%20da) >. Acesso em: 24 mar.2022.